

fedra sem poder sobre si própria

Pela quinta vez, o encenador angolano Rogério de Carvalho está a trabalhar com a Companhia de Teatro de Almada, dirigida por Joaquim Benite. Depois dos dramaturgos Strindberg, Pinter, Teresa Rita Lopes e Tchekhov, encena agora "Fedra", de Jean Racine (1639-1699), que estreia, quinta feira, no Teatro de Almada. Prémio Almada de 2001, já dirigiu espectáculos de vários autores sem nunca se fixar numa companhia.

Mais do que as peças de qualquer um daqueles autores, "Fedra" está no território do teatro da palavra. E o encenador, 70 anos, lembra que tem trabalhado esse confronto da passagem de um texto literário para o teatro, textos densos que não se limitam a contar uma história, uma narrativa com princípio, meio e fim. "Fedra" coloca-lhe "um problema" de enunciação (da palavra), diz, até porque nesta peça a "palavra quase se procura num processo ritual". "Os factos em si praticamente não existem, são as palavras que procuram situações, que engendram a acção".

Já houve uma altura em que o encenador dizia que, em Portugal, se valorizava demasiado o texto (quando recebeu o Prémio Almada disse-o ao PÚBLICO). Mas com os anos e a experiência foi-se "apercebendo que o teatro de texto é importante para a minha



formação como encenador", diz agora. "O texto é por isso fundamental para um espectáculo – tem uma dimensão poética, lúdica, de enunciação que quase se transforma numa espécie de oratória". E assume que o seduz "o facto da palavra servir de sustentáculo a

um espectáculo, de ser uma espécie de 'training' na realização do actor." Em "Fedra", como em muitas outras peças, "há uma realidade encantatória": a palavra como som, a palavra que é transportada para além do quotidiano, para uma espiritualidade – sem ser, no

entanto, "teatro metafísico", sublinha. Objectivo: que os actores encontrem a palavra viva, orgânica.

Na peça de Racine, que é uma tragédia – Fedra apaixonou-se pelo enteado Hipólito, confessa-lhe o seu amor e, mais tarde, com medo que ele o de-

FEDRA

De Jean Racine. Encenação de Rogério de Carvalho. Com Alberto Quaresma, Bernardo Almeida, Cecília Laranjeira, Laurinda Chiungue, Margarida Gonçalves, Marques D'Arede, Teresa Gafeira.

ALMADA. Teatro Municipal de Almada. Av. Professor Egas Moniz. De 28/12 a 28/01. 5ª, 6ª e Sáb. às 21h30. Dom. às 16h (não há espectáculo de 31 de Dezembro a 3 de Janeiro). Tel.: 212739360. Bilhetes: €6 a €12.

nuncie ao marido acusa-o de violação –, não vemos as coisas acontecer. Fedra, a personagem, tem "um discurso delirante" e é esse discurso que "vai criando acontecimentos". Curioso é que um dos temas da peça – o incesto, o adultério – "não existe". "Aquilo que se pensa que é só porque as palavras foram ditas, não aconteceu."

A Rogério de Carvalho fascina-o a figura de Fedra. Embora Hipólito seja sacrificado, Fedra acaba por sacrificar-se a si própria "quase como se imolasse" – "é uma presa". "Já tem o destino determinado e depois faz esse percurso para a morte. A forma como idealiza uma paixão e acaba por nunca concretizar o desejo pelo amado...Tenta redimir-se mas nesse momento há qualquer coisa que acaba por interferir no seu desastre." "Fedra quase não tem poder sobre si própria".

Joana Gorjão Henriques